

O REAL E O DÓLAR

Prof. Sérgio Augusto Pereira de Borja

Um clássico caracteriza-se, entre outras coisas, pela perenidade de seu instrumental lógico que permite a leitura de uma verdade atemporal. Este axioma tem validade enciclopédica pois aplica-se a qualquer ramo do conhecimento humano. Se isto pode ser aplicado a música, a matemática, a literatura, as ciências em geral, ao direito, da mesma forma aplica-se a economia.

John Maynard Keynes, em 1923, escreveu o Breve Tratado sobre a Reforma Monetária (*A Tract on Monetary Reform*), que sem sombra de dúvidas, apesar do tempo decorrido, ainda permite, através de seu singelo e inteligente instrumental de razão, com o atributo de genialidade contido na simplicidade de sua linguagem, a tradução do enigma monetário, tanto o da época passada como da atual.

Ali estão as categorias da desvalorização e da valorização cambial que em suas oscilações produzem alterações nos preços que "tanto na alta como na baixa têm uma desvantagem característica: A inflação causada pelos primeiros, significam injustiça para os indivíduos e as classes, em particular para os inversionistas; é, por tudo, desfavorável para a poupança. A deflação, que provoca a baixa dos preços, significa empobrecimento dos trabalhadores e dos empresários ao conduzir estes a restringir suas produções a fim de evitar perdas; é, portanto, desastrosa para o emprego...Em consequência, a inflação é injusta e a deflação inconveniente. O autor, antes de chegar a estas conclusões, adverte que "um dos propósitos deste livro é insistir em que a melhor maneira de curar esta mortal enfermidade do individualismo é conseguir que nunca exista uma expectativa fundada de que os preços vão baixar ou subir em geral; e também, que não exista nenhum risco sério de que, se porventura este movimento aconteça, não cause dano." Esta é a visão da estabilidade preceituada por Lord Keynes.

Estas categorias, aplicadas a análise da realidade prática do nosso mundo globalizado, em supondo-se em termos macroeconômicos a possibilidade equânime do cambio de divisas, através de uma teoria de paridade de poder aquisitivo, em tese, fornecem o instrumental para a paz econômica dos povos. No entanto, no atual cenário mundial, sacudido pela implosão dos ativos podres no sudoeste asiático, que volatilizando-se ameaçam com um contágio sistêmico, a quebra do sistema mundial, provando que por trás do biombo os tigres eram de papel e que o Japão, de potência incontestada, hoje aderna cada vez mais, com seu sistema bancário penalizado por ativos que classificados vão da categoria I até a IV, onde os créditos são considerados em bancarrota.

Assim é, que o Japão, sem a possibilidade de implementar um plano de "bancos pontes", sucumbe gradativamente perante os empréstimos "deteriorados" das categorias II, frente aos empréstimos "atrasados" da categoria III e dos empréstimos em "bancarrota" da categoria IV, fazendo com que sua moeda o Yen, precipite-se numa desvalorização gradativa que hoje beira os 146,50 por dólar, sendo que, se alcançar os 150 por dólar, fará, por sua vez, que despenque o yuan chinês, que já vem sendo monitorado pelo governo chinês, que não tem poupado divisas para manutenção de uma cotação de 8,28 por dólar.

Ora, esta política de desvalorização da moeda, foi tratada por Keynes na obra supra citada, justificando-se ali, conforme explanação lógica, na sua fundamentação para diluir o problema da dívida pública, sendo que conforme exemplos fornecidos, comprova-se que alguns países europeus, no pós guerra, tenham diminuído o peso de suas dívidas em 50% a 100%. Outro fenômeno aliado a este processo é a chamada política do "beggar-thy-neighbor" (empobrecer o vizinho), pois a queda no valor das divisas faz com que haja um incremento da exportação em razão das vantagens comparativas monetárias, beneficiando o país através do incremento da atividade econômica.

Se no entanto, os parâmetros conceituais explanados no clássico, aliados a política pragmática dos países concorrentes, que desvalorizam suas moedas, propiciando-lhes um alto poder de concorrência, vislumbram uma tomada de posição por aqueles que sofrem esta concorrência, por outro lado, vemos uma apatia, ou mesmo uma paralisação na política cambial do dólar e das moedas com paridade cambial aproximada, como é o caso do real.

Poderíamos ser levados a pensar que os efeitos, tanto para um país como para outro, seja EUA e Brasil, seriam, em termos comparativos, os mesmos. No entanto é bom analisar, antes de uma conclusão apressada, o perfil econômico cotejado entre as duas economias, para concluir que as características de produção com um alto poder agregado e altamente sofisticado do mercado produtivo americano, forçam, por uma ausência de concorrência com relação a este tipo de produção, que malgrado pequenas distorções que só agora começaram a afetar levemente a política econômica americana, este país ainda mantenha um perfil de vantagem sobre a concorrência, sendo que os produtos importados, com baixo poder agregado e necessários para suprimento do mercado norte-americano, são comprados por preço vil, em razão do alto poder aquisitivo da moeda, sendo que as exportações americanas, são adquiridas a preço de ouro, em razão da supervalorização do dólar no mercado mundial. Se isto acontece para os americanos, no entanto, para os brasileiros, idêntico fenômeno aplicado a uma realidade cujo perfil econômico é outro, passa a ter uma leitura completamente diferente, ocasionando prejuízos terríveis com relação, ao agravamento da dívida pública, a concorrência de produtos que são similares aos dos mercados concorrentes, pois temos o mesmo perfil subdesenvolvido dos concorrentes asiáticos, que levam vantagens nos preços de mercadorias semelhantes, em que vêm embutido, além do dumping monetário, o custo baixo do dumping social, concorrendo similarmente com produtos de uma idêntica planta produtiva.

Assim é que o Real, com sua taxa de câmbio sobrevalorizada, faz com que inexista também a inflação, apesar da expansão da base monetária, pois o preço alto da divisa propicia um alto poder aquisitivo nas importações fazendo com que sejamos bombardeados por mercadorias concorrentes, que comprimem o preço das mercadorias produzidas pelo capitalismo nacional completamente dizimado por esta concorrência desleal, redundando tudo isto em desemprego. Em suma, perda dupla: Para os empresários, acossados pela capacidade ociosa de seu parque produtivo e a acumulação de estoques e, os trabalhadores, pela perda das vagas e a necessária distorção que se faz através da "flexibilização" de seus direitos.

A contínua queda do yen, em perdurando e ultrapassando a marca da cotação de 150 por dólar, fatalmente levará a queda do yuan e, conseqüentemente, levará a um agravamento dos déficits americanos, fazendo com que ocorra uma desvalorização do dólar e conseqüentemente do real. Resta saber qual o prazo de maturação ou contaminação dos créditos podres dos bancos japoneses e seu reflexo sobre as moedas e os derivativos que não param de cair fazendo assim, com que exista a expectativa, tão combatida por Keynes, de um movimento abrupto para baixo, sem possível controle pelos agentes econômicos.

- Sérgio Borja
- Professor Universitário
- tel/fax: (051) 2 23 26 10
- e-mail : borja@pro.via-rs.com.br

Publicado na Gazeta Mercantil de 17.08.1997 do RS.